



**V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Eixo DIREITO À CIDADE

Urbanismo tático em Paçandu, Paraná: a aplicação do direito à cidade e a cidade para as pessoas.

Geovana Camargo
Ian Vinicius Dias Rocha
Jeanne Christine Versari Ferreira
Maisa da Silva Bellucci
Tânia Nunes Galvão Verri

Resumo: O texto discute o Urbanismo Tático como método de intervenção no espaço urbano que exige a participação popular, desenvolve-se de forma rápida e de baixo custo, objetivando melhorar a qualidade de vida dos moradores e a funcionalidade das áreas urbanas. Busca-se sua compreensão, desenvolvimento histórico, eficácia, importância e sua interface com as teorias urbanísticas. Pretende-se aplicá-lo em um bolsão de pobreza, em Paçandu, Paraná, como um processo inovador de inserção e empoderamento da população vulnerável no território, com vista à gestão inteligente e democrática da cidade.

Palavras-chave: Urbanismo Tático, Paçandu, Paraná; Participação Popular.

Abstract: The text discusses Tactical Urbanism as a method of intervention in urban space that requires popular participation, develops quickly and at low cost, aiming to improve the quality of life of residents and the functionality of urban areas. We seek its understanding, historical development, effectiveness, importance and its interface with urban theories, historiography of urbanism. The aim is to apply it in a pocket of poverty in Paçandu, Paraná, as an innovative process of insertion and empowerment of the vulnerable population in the territory, with a view to intelligent and democratic management of the city.

INTRODUÇÃO

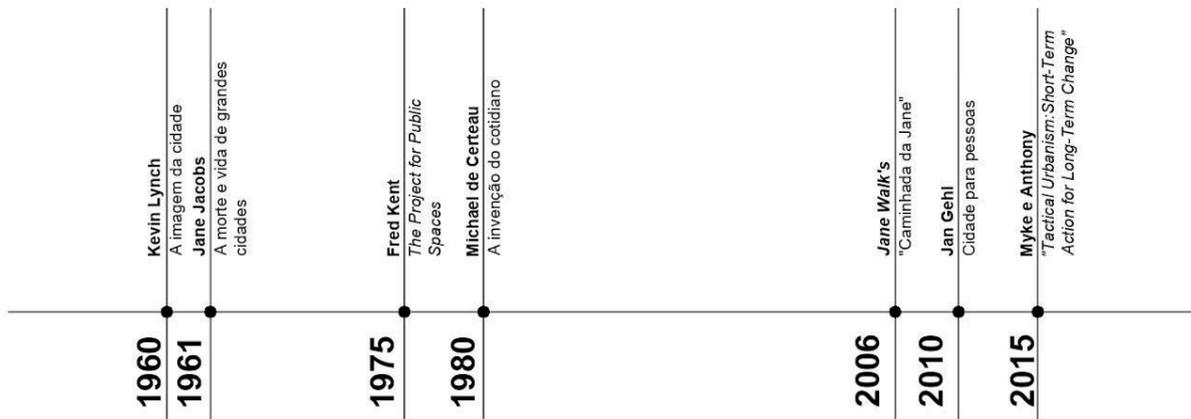
O texto apresentado aborda o método de intervenção no espaço urbano que envolve, necessariamente, a participação popular, chamado Urbanismo Tático. Para cercá-lo em sua compreensão, desenvolvimento histórico, eficácia e importância, foram pesquisadas suas origens e revelada a interface com as teorias urbanísticas já sistematizadas na historiografia do urbanismo. Foram também destacados os princípios e estratégias de implantação e aplicação, assim como, as ações táticas de planejamento e as ações táticas de projeto, os benefícios e desafios que são apresentados em sua aplicação e as possibilidades de intervenções, e, para a compreensão do levantamento teórico apresentado, será proposta a aplicação do Urbanismo Tático em um bolsão de pobreza na cidade de Paçandu, Paraná.



Essa abordagem é um recorte a partir de pesquisa de maior abrangência, intitulada Cidades Inteligentes e Democráticas, desenvolvida por um grupo de pesquisadores vinculados ao Observatório das Metrôpoles Núcleo Maringá, cuja proposta está pautada na construção de um processo inovador de inserção e empoderamento da população vulnerável no território, com vista à gestão inteligente e democrática da cidade.

1. HISTÓRICO E CONCEITO

Figura 1 - Timeline da evolução dos princípios do Urbanismo tático.



Fonte: Produzido pelos autores.

O urbanismo tático pode parecer um método novo na atualidade, no entanto, há registros de sua presença na vida urbana em diversos momentos da história, como os acampamentos militares romanos provisórios e os vendedores de livros ilegais em Paris no século XVI, fatos que ilustram como o urbanismo tático tem raízes antigas e evidencia sua presença ao longo da história.

O escritor e urbanista Kevin Lynch, em seu livro "A Imagem da Cidade", de 1960, detalha conceitos que podem ser entendidos como precursores dos princípios que hoje formam o Urbanismo Tático. O autor disserta como o espaço construído deve ser adaptado às necessidades humanas, buscando qualidade do espaço. Segundo Lynch (1960): "uma cidade legível facilita o processo de orientação. O elo estratégico para isto é a imagem do meio ambiente, que é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada".

A percepção do espaço, segundo Lynch (1960), desempenha um papel crucial na interação entre as instituições públicas e a comunidade, em um mecanismo participativo oferecido pelo governo que demonstra um grande potencial em termos de contribuições e engajamento dos cidadãos, agregando-se à outras estratégias e fortalecendo o processo de planejamento urbano participativo. Assim, enquanto não se pode dizer que Lynch tenha



apresentado diretamente o conceito de Urbanismo Tático em suas pesquisas, as ideias sobre a percepção e o design urbano contribuem para o entendimento mais amplo das formas de como as pessoas interagem com o espaço urbano e podem ser vistas como precursoras de abordagens mais participativas e temporárias de design urbano.

Outra pesquisadora de relevo no debate é a de Jane Butzner Jacobs, autora com uma das obras mais disseminadas sobre cidades, intitulada, "Morte e vida das grandes cidades", 1960, cuja abordagem se assemelha ao do Urbanismo Tático. De acordo com a pesquisadora,, que se opõe à forma tradicional de planejar a cidade, o livro foi "um ataque aos fundamentos do planejamento urbano e da reurbanização ora vigentes [...]" (Jacobs, 1961, p.14). Com a defesa dos "olhos nas ruas" como uma política de segurança urbana mais eficaz, condição atribuída tanto à perspectiva de que requer menos intervenção do Estado quanto à premissa de um espaço público dinâmico, diversificado e habitado em todas as horas do dia, defende a importância da opinião pública sobre o espaço.

O projeto intitulado "*The Project for Public Spaces*" (PPS), de autoria de Fred Kent, 1975, ele e equipe por anos seguidos, realizam apresentações e treinam mais de dez mil pessoas em técnicas de *placemaking*.

Usamos uma abordagem diferente para projetar e planejar cidades – não uma abordagem de cima para baixo, mas uma abordagem liderada pela comunidade que se concentra nos lugares. Vemos como um dever sagrado ajudar as pessoas a criar bons lugares para si mesmas. Para isso, conversamos com as pessoas que vivem, trabalham e se divertem em um determinado espaço. Fazemos perguntas a eles. Nós os ouvimos. Descobrimos o que eles precisam e o que desejam. Depois pegamos nessas informações e criamos uma visão, que pode evoluir rapidamente para uma estratégia de implementação de mudanças. A transformação de um local pode começar com melhorias viáveis e de pequena escala que tragam benefícios imediatos aos espaços públicos e às pessoas que os utilizam. (Kent, 2011).

"O *Placemaking* é uma ferramenta prática focada em lugares, suas especificidades, e na participação da comunidade local" (Almeida, 2016, p.27), recurso que Kent e o PPS vão de encontro. Portanto, "*The Project for Public Spaces*" (1975) pode ser considerado como uma base para os princípios do Urbanismo Tático, contribuindo para o entendimento e a prática de criar espaços urbanos mais humanos e vibrantes.

Os anos 2000 apresentaram uma revisão do pensamento de Jane Jacobs, por meio do movimento Jane 's Walk, 2006. O movimento propôs caminhadas urbanas lideradas por moradores locais como uma maneira de explorar e celebrar a vida das cidades. As caminhadas incentivam o envolvimento da comunidade e a compreensão das dinâmicas urbanas locais, servindo como base para o Urbanismo Tático.

Outro pesquisador que merece menção nas metodologias de intervenções públicas é Jan Gehl, com sua obra de 2010: "Cidade para Pessoas". O autor destaca a abordagem urbanística centrada no pedestre, contrastando com o "Urbanismo Neoliberal", que adota uma metodologia de cima para baixo sem considerar as necessidades humanas em profundidade. "Independentemente de ideologias de planejamento ou condições



econômicas, a gestão cuidadosa da dimensão humana em todos os tipos de cidades e áreas urbanas deve ser um requisito universal” (Gehl, 2013, p.118).

Gehl (2013) afirma que as cidades devem ser feitas para encorajar as pessoas a sair de casa, caminhar, se encontrar e participar de atividades ao ar livre. Ele enfatiza que ruas movimentadas, espaços públicos animados e eventos culturais e recreativos são importantes para uma vida urbana vibrante. Isso se alinha com os objetivos do Urbanismo Tático, que busca criar espaços públicos dinâmicos e acolhedores. “A consideração pelos sentidos diretos das pessoas é crucial para determinar se elas podem andar, sentar, ouvir e falar dentro de prédios, no bairro ou na cidade. A luta pela qualidade se dá em escala menor” (Gehl, 2013, p.118). Com essa observação Gehl apresenta uma semelhança com os princípios do direito à cidade como no Urbanismo Tático, mas já com o mesmo foco para com as necessidades das pessoas de uma escala local.

Convergindo para a nomenclatura precisa apresentada: Urbanismo Tático, o termo foi expresso por Mike Lydon e Anthony Garcia, por meio da publicação "*Tactical Urbanism: Short-Term Action for Long-Term Change*" (2015), onde apresentam o conceito a definição sobre o que é o Urbanismo Tático e como aplicar essa teoria na prática, conforme segue:

O Urbanismo Tático é uma abordagem para a construção e ativação de bairros usando intervenções e políticas de curto prazo, de baixo custo e escaláveis. O Urbanismo Tático é usado por uma série de atores, incluindo governos, empresas e organizações sem fins lucrativos, grupos de cidadãos e indivíduos. Faz uso de processos de desenvolvimento abertos e interativos, do uso eficiente de recursos e do potencial criativo desencadeado pela interação social. (Lydon e Garcia, 2015, p.3)

2. PRINCÍPIOS E ESTRATÉGIAS

.1. Princípios

De acordo com Lydon e Garcia (2015), os princípios do Urbanismo Tático são: intervenções que devem ser rápidas, baratas e reversíveis ou com a capacidade de fáceis ajustes, permitindo experimentação e adaptação contínuas. Tem-se visto que intervenções de grande escala, de cima para baixo não conseguem atingir aos desejos dos moradores, dessa forma, haverá um maior interesse na aplicação do Urbanismo Tático que se caracteriza por ser: descentralizado, de baixo para cima, extraordinariamente ágil, em rede, de baixo custo e de baixa tecnologia. Segundo Lydon e Garcia (2015) como os lugares que as pessoas habitam nunca são estáticos, o Urbanismo Tático não propõe soluções únicas, mas respostas intencionais e flexíveis. A implantação de Urbanismo tático [...] “Coletivamente, demonstram repetidamente que a ação em curto prazo pode criar mudanças em longo prazo”. (Lydon e Garcia, 2015, p. 6).

Além disso, destaca-se a significativa importância de uma comunidade local ativa para impulsionar as transformações, como ressaltado no livro de Mike e Anthony de 2015. O



eixo comum no desenvolvimento da teoria urbanística, conforme delineado por diversos autores, é a interação social da população e o entendimento de quais necessidades devem ser supridas no contexto em que se localizam, pois só assim se cria uma garantia da qualidade do espaço público, acessibilidade e inclusão social.

Embora haja o destaque da comunidade, há a diferenciação da ação tática para o Urbanismo Tático. Segundo Certeau (1998) a ação tática é “determinada pela ausência de poder”, no sentido de que quando não se detém o poder para realizar estratégias de mudança, é necessário pensar com astúcia para definir um conjunto de meios ou recursos que proporcionem resultados favoráveis, ou seja, apenas ação da comunidade sem a complementação de departamentos municipais, governo, promotores e organizações sem fins lucrativos, não se pode configurar o projeto como Urbanismo tático.

O brilhantismo do Urbanismo Tático não reside apenas no fato de ser uma resposta ágil às circunstâncias reduzidas do século XXI, mas no fato de ter transformado a oposição, privada e pública, num motivo. O processo frustrado e frustrante de participação pública começa de forma cética e hesitante e depois se intensifica à medida que a confiança é restabelecida com as manifestações do Urbanismo Tático (Lydon e Garcia, 2015, p. xii).

Após reflexões e observações sobre os princípios básicos dessa teoria, tem-se que, embora feitas muitas recomendações, não se deve utilizar um guia pronto para se seguir e projetar, no qual os autores citam que o Urbanismo Tático está em constante evolução e são um conjunto de teses experimentais que se alteram de contexto para contexto, mas mantendo sua base de ser tático, ou seja, “relacionado a ações de pequena escala que atendem a um propósito maior” (...) “Como os lugares que as pessoas habitam nunca são estáticos, o Urbanismo Tático não propõe soluções únicas, mas respostas intencionais e flexíveis.” (Lydon e Garcia, 2015, p.3).

.2. Ações táticas

2.2.1. Ações táticas de Planejamento

O livro “*Tactical Urbanism: Short-Term Action for Long-Term Change*”, além da discussão teórica sobre o tema, também há um aconselhamento prático sobre como e quando aplicar intervenções táticas, através de estratégias de planejamento projetual intitulada no texto como “*Design Thinking*”, design pensado, na tradução literal, podendo ser compreendido em cinco tópicos e que nesse trabalho será utilizado como ferramenta para definição de um local de projeto. As etapas em uma tradução direta são: 1. Ter empatia, 2. Definições, 3. Idealizar, 4. Prototipar e 5. Testar.

[...] projetos bem-sucedidos possuem elementos de uma abordagem comum que está alinhada com os cinco princípios do *Design Thinking*. Neste caso, design não se refere a objetos em si, mas a um processo específico que deve ser descrito como “uma



ação, um verbo, não um substantivo”. (Mike Lydon e Anthony Garcia, 2015, p.22).

De acordo com Mike e Anthony (2015), todos os projetos de Urbanismo Tático têm como objetivo abordar deficiências no ambiente construído. No entanto, uma resposta eficaz ao projeto não pode ser formulada sem uma compreensão plena de para quem se está realmente trabalhando. Os autores destacam que a primeira etapa do planejamento de uma obra é mostrar a necessidade da participação da comunidade local ao redor de um projeto de intervenção, um elemento essencial que foi repetidamente enfatizado no contexto histórico da evolução dos princípios até a formação do conceito de urbanismo tático. De forma contemporânea, Sansão-Fontes et al (2019) reforçam que, para os grandes projetos urbanos em larga escala, é crucial uma articulação que ocorra tanto "de cima para baixo", através das propostas do poder público, quanto "de baixo para cima", com a participação popular sobre eles.

Lydon e Garcia (2015) identificam a segunda etapa do planejamento como a definição do local do projeto. Os lugares que estão prontos para uma intervenção de Urbanismo Tático são denominados locais de oportunidade. Em alguns casos, o desempenho do local é tão evidente - seja econômico, social, físico ou ambiental - que se torna um alvo claro para intervenção. Esses locais frequentemente se tornam reconhecidos por meio de ciclos de feedback, como esforços anteriores de planejamento comunitário, aumento das reclamações dos cidadãos, dados de acidentes ou estatísticas de criminalidade.

Além da reflexão dos autores sobre qual o local a projetar, descrevem outros elementos em relação a esta etapa, como qual escala adotar e a importância de contextualizar o espaço para determinar se um projeto de intervenção tática é viável. É apresentado um questionamento chamado "os cinco porquês" no qual deve se considerar um problema que lhe cause incômodo no bairro onde reside ou trabalha e formular um texto diagnóstico sobre essas observações. Em seguida, questiona-se sobre as razões que levam a esse problema a existir e, dessa forma, ao repetir esse processo, poderá desenvolver as ideias.

A etapa de ideação, ou *brainstorming* de ideias de projetos, é o terceiro tópico descrito por Myke e Anthony (2015), e representa um dos momentos mais estimulantes do processo de Urbanismo Tático. Todas as ideias merecem consideração, desde que fundamentadas no conhecimento adquirido na primeira fase (Empatia) e direcionadas para abordar os desafios e oportunidades identificados na segunda fase (Definir).

“Simplesmente imitar um projeto bem-sucedido é perigoso porque é difícil determinar o contexto social, econômico, político e físico em que o projeto ocorre.” (Mike Lydon e Anthony Garcia, 2015, p.180).



O penúltimo tópico, após surgir uma solução definitiva para o local e o projeto, é o momento de conceber uma versão leve e econômica da solução idealizada a longo prazo. O texto enfatiza que independente do nome adotado para essa etapa, o essencial é a transformação da ideia imaginada em uma ação e que isso aconteça de maneira rápida. Outros pontos abordados são: como ter ideia materializada e pontuar quais recursos são necessários para isso.

A quinta etapa sugerida pelos formuladores do Urbanismo Tático para o planejamento de um projeto tático é um processo de teste dos projetos, semelhante a uma versão simplificada do método científico. Em outras palavras, desenvolve-se o protótipo do projeto, avalia-se seu impacto ao longo de dias, semanas, meses e até anos, e aprende-se com os resultados. Esse processo de três passos pode ser repetido quantas vezes forem necessárias até que os proponentes do projeto optem por tentar uma abordagem completamente diferente ou se sintam suficientemente confiantes para investir a longo prazo.

2.2.2. Ações táticas de Projeto

Com a formulação e a popularização do Urbanismo Tático ao redor do mundo, vários países adotaram projetos considerados táticos ou que se enquadram na abordagem apresentada por Mike e Anthony em 2015. De acordo com Gomes et al (2019), o urbanismo tático se diferencia das práticas informais, como os mutirões em comunidades, por ser predominantemente realizado por indivíduos da "classe criativa", como arquitetos, designers e artistas, e geralmente direcionado a espaços voltados para lazer e sociabilidade, como praças públicas.

“O urbanismo tático atual busca uma produção urbana de apropriação hábil criativa dos conflitos contemporâneos nas cidades, expressados por meio de objetos urbanos informais, formas de infraestrutura alternativa, usos temporários e ilegais do espaço público e reivindicações do direito à cidade” (Gadano, 2016, p.117 *apud* Gomes et al, 2019).

Como cita Nogueira e Portinari (2016) “Intervenções como a construção colaborativa de mobiliário urbano e a ocupação de espaços públicos subutilizados ou terrenos baldios exemplificam essa ação sobre o espaço”.

3. BENEFÍCIOS E DESAFIOS DO URBANISMO TÁTICO

É possível considerar a capacidade de modificar efetivamente o espaço urbano como sendo o principal benefício do urbanismo tático, não somente pela modificação em si, mas pelo caráter simples, econômico e ágil das ações táticas utilizadas para a construção e



ativação de bairros, muitas vezes periféricos. Os cidadãos são atores fundamentais na aplicação do urbanismo tático, pois é necessário utilizar o potencial criativo desencadeado pela interação social para desenvolver as ações mencionadas por Lydon e Garcia (2015). Dessa forma, as abordagens aplicadas promovem maior conectividade entre a população e a cidade, humanizando os espaços urbanos.

Segundo Gehl (2010), “A vida na cidade é um conceito relativo. Não é o número de pessoas que importa, mas a sensação de que o lugar é habitado e está sendo usado”. Analisa o conceito de vitalidade urbana, que pode ser definido como sendo a capacidade das cidades de promover interações sociais nas ruas e espaços públicos, por meio da diversidade de usos e atividades (Jacobs, 2011 [1961]). Ao se compreender a necessidade de que os espaços da cidade devem gerar vitalidade urbana, o Urbanismo Tático busca atrair esse conceito em suas propostas, com projetos que visem manter o espaço público vivo, seguro e funcional, de forma a beneficiar a população.

As ações táticas têm como objetivo alcançar e reorganizar espaços subutilizados ou que enfrentam precariedades na sua estrutura. Assim, as intervenções táticas muitas vezes visam melhorar a acessibilidade, promover a mobilidade sustentável e criar ambientes mais amigáveis para pedestres e ciclistas, fortalecendo os laços sociais nas comunidades. Dessa maneira, o urbanismo se depara com a urgente necessidade e vontade crescente de criar cidades para as pessoas (Gehl, 2010, p.39).

Adicionalmente, seu aspecto multiplicável é vantajoso, com intervenções que podem partir de uma ação comunitária e se converterem em programas ou mesmo políticas para uma cidade. O urbanismo tático é capaz de produzir e aplicar projetos para intensificar a segurança viária, a reorganização do tráfego, a caminhabilidade e a ocupação de espaços ociosos. Essas ações, mesmo quando projetadas para um local específico, podem ser estudadas e aperfeiçoadas em outros lugares conforme suas necessidades. Entretanto, é importante mencionar que:

[...] o Urbanismo Tático tem limitações muito reais. Não é a solução, nem mesmo a única, para muitos dos nossos problemas urbanos mais incômodos. Não poderá resolver a crise da habitação acessível que as nossas cidades mais desejáveis enfrentam, nem irá reparar pontes que necessitam de reparação. Não pode construir linhas ferroviárias de alta velocidade e não resolverá a iminente crise das pensões do setor público [...] (Lydon e Garcia, 2015, p.22)

Dessa forma, não existe uma solução pronta para um caso, mas sim soluções adaptáveis aos inúmeros desafios encontrados no meio urbano, o Urbanismo Tático oferece uma abordagem dinâmica e eficaz para a transformação de cidades, enfatizando a participação comunitária, a experimentação de ideias e a melhoria imediata da qualidade de vida. Ao incorporar as ideias de visionários urbanistas, o Urbanismo Tático se posiciona como uma ferramenta valiosa na criação de cidades adaptáveis às necessidades em



constante evolução de suas comunidades. A implementação do urbanismo tático nas cidades apresenta desafios que devem ser considerados desde o início do projeto, assim, é importante compreender que as ações do urbanismo tático não são pautadas na ilegalidade, é necessário apoio e aval das governanças para que as ações aconteçam efetivamente. Um dos desafios enfrentados, portanto, é a burocracia para que os projetos táticos tenham permissão legal para serem executados (Lydon e Garcia, 2015, p.54).

Gehl (2010) apresenta o conceito de sustentabilidade social, afirmando que parte do seu foco é dar aos vários grupos da sociedade oportunidades iguais de acesso ao espaço público e também de se movimentar pela cidade, assim, tratando-se de um conceito amplo e desafiador, entende-se que a inclusão social no meio urbano é de suma importância e urgência para a construção de uma sociedade democrática, em que todos tenham direito de usufruir da cidade, tornando-se um desafio a se cumprir.

Contudo, a implementação de projetos táticos pode, inadvertidamente, favorecer determinadas comunidades em detrimento de outras, intensificando desigualdades preexistentes. Segundo Lydon e Garcia (2015), “a busca pela equidade é frequentemente um foco para projetos de urbanismo tático”. Os autores complementam que é difícil encontrar meios que envolvam todos os cidadãos. Como já mencionado anteriormente, a acessibilidade também é um dos focos das ações táticas urbanísticas, e essa questão levanta a importância de uma abordagem cuidadosa na implementação de ações táticas para garantir benefícios equitativos:

A cidade é vista como o que atende a uma função democrática onde as pessoas encontram diversidade social e compreendem mais o outro, por meio do compartilhamento do mesmo espaço urbano (Gehl; 2010, p.109).

Ademais, a escala e a permanência das intervenções são questões centrais no Urbanismo Tático, ao se aplicar ações táticas como medidas de redesenho e reapropriação urbana, é necessário que seja questionada a sua durabilidade, pois, apesar de muitas ações serem intencionalmente temporárias, como medidas para ações definitivas, deve haver cuidado ao pensar em ações que têm em vista a longevidade. Para enfrentar esse desafio, é necessário um equilíbrio entre intervenções temporárias e mudanças mais estruturais, integrando o urbanismo tático a estratégias de planejamento urbano de longo prazo.

O Urbanismo Tático apresenta uma opção inovadora para a melhoria das cidades, mas enfrenta desafios como resistência institucional, equidade na implementação e a necessidade de abordagens de longo prazo.

4. PORQUE PAIÇANDU

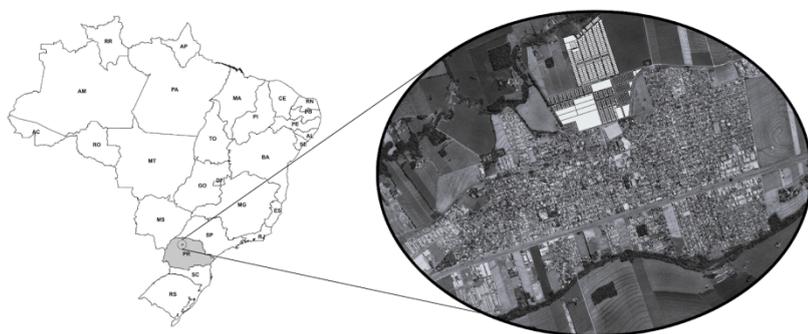


Conforme apresentado no início do texto, um grupo de pesquisadores, vinculados ao Observatório das Metrôpoles Núcleo Maringá, desenvolve atualmente uma pesquisa de maior abrangência, intitulada Cidades Inteligentes e Democráticas na região analisada. O local está a noroeste do Paraná, no município de Paiçandu, que foi emancipado em 1961. A cidade compõe a organização da Região Metropolitana de Maringá, caracterizada por histórico processo de segregação. O comportamento de Paiçandu é o de cidade dormitório, absorvendo residentes que não conseguem, por motivos econômicos, morar em Maringá, onde é seu local de trabalho. De acordo com Rodrigues :

“A dinâmica regional explicita a permanência do processo de segregação no desenvolvimento urbano-metropolitano desta região, mantido por meio da histórica concentração dos investimentos em áreas de expansão para as elites econômicas, em práticas invariavelmente subordinadas aos interesses mercantis.” (Rodrigues, et al., 2020)

A cidade de Paiçandu representa uma cidade periférica e uma localidade de segregação imposta pela cidade vizinha Maringá e ainda é sobrecarregada pelas condições de precariedade de suas estruturas urbanas e de seus equipamentos.

Figura 2 – Paiçandu, PR.



Fonte: Editado pelos autores, a partir do Google Maps (2024).

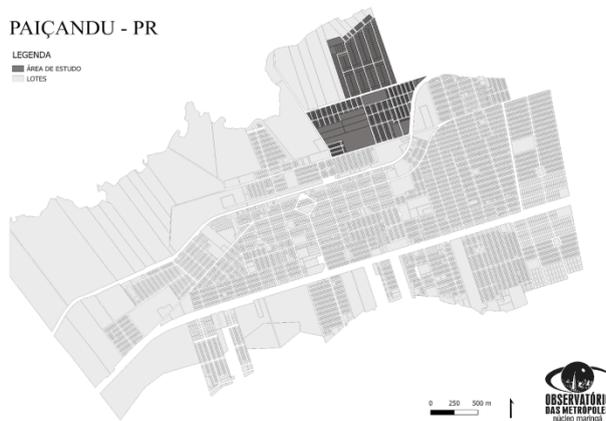
O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) de Paiçandu é considerado dentro da faixa de Desenvolvimento Humano Alto, entretanto, segundo o Plano Municipal de Assistência Social: Cidade de Paiçandu (2018-2021) revela que 7% da população urbana está inserida no índice de Vulnerabilidade Social Alta (IVS).

A região, que é recorte deste trabalho e na qual se pretende aplicar intervenções por meio do Urbanismo Tático, corresponde aos bairros: Residencial João Marques dos Reis, Jardim Espanha, Jardim Itaipu 1a. e 2a, partes e arredores do Jardim Monte Carmelo. São locais que pertencem ao grupo de vulnerabilidade alta, trata-se de uma área localizada em um bolsão de pobreza da periferia do município, assim, justifica-se que intervir nessa região é urgente.



As intervenções pontuais pretendidas não possuem o impacto necessário para alterar significativamente o cenário a curto e médio prazo. Sem o envolvimento do poder público, o espaço continua a enfrentar sérios problemas de estrutura física. Pretende-se elaborar propostas as quais possam mitigar em curto prazo as demandas específicas dos moradores, buscar o bem-estar dos moradores e a integração entre eles. A área destacada é desprovida de equipamentos de esporte, entretenimento e lazer. Com a possibilidade das intervenções, pretende-se poder estabelecer uma conexão contínua entre a comunidade e outros órgãos intervenientes, como parcerias com o poder público ou até mesmo escritórios de arquitetura e urbanismo, para facilitar a evolução do projeto de intervenção.

Figura 3 – Paiçandu, PR.



Fonte: Editado pelos autores, a partir do Google Maps (2024).

Urbanismo Tático também pode ser iniciado por departamentos municipais, governo, promotores e organizações sem fins lucrativos para testar ideias ou implementar mudanças sem demora. Embora estas iniciativas muitas vezes começam com pequenos esforços de defesa dos cidadãos, os benefícios do Urbanismo Tático tornam-se mais claros à medida que são integrados no processo de entrega do projecto municipal e levados de forma competente aos bairros da cidade. (Lydon e Garcia, 2015, p.8).

5. CONCLUSÃO

Pretende-se com o conhecimento acerca do Urbanismo Tático aplicá-lo na região destacada a partir de um questionamento básico aos moradores: o que pode melhorar a qualidade de vida do seu bairro? E, a partir de então, desencadear o processo de reflexão sobre as necessidades e problemas sociais; sobre os desafios da pobreza extrema, exclusão social; a vulnerabilidade da população (em especial crianças, jovens e idosos) e a sustentabilidade ambiental.

Para isso, pode-se aplicar os cinco tópicos citados nas ações de planejamento: ter empatia, definições, idealizar, prototipar e testar. Como é necessário, a primeira relevante



aça é coletar as informações dos moradores, ouvir a população e, a partir de seus depoimentos e registros, saber onde e como intervir.

Para tal, poderá propor a realização do mapeamento da área estudada por meio de dados coletados junto à população do bairro, promovendo oficinas que podem ser feitas de forma acessível, para que pessoas de diferentes níveis de escolaridade e faixa etária possam expressar quais áreas necessitam de intervenção e quais ações serão proveitosas ao grupo. A partir disso, será proposto um debate e um mapa síntese, agrupando todas as informações da forma mais clara e didática possível. Buscará, assim, a compreensão de quais são as carências urbanas enfrentadas nos bairros estudados.

Ainda se faz possível que sejam selecionadas pessoas para apresentar suas percepções da área e, com apoio de um mapa, estimular um debate coletivo para o entendimento dos principais desejos dos participantes para o bairro, o que mais tarde poderá convergir para um Plano Geral. Dessa forma, pretende-se que a aplicação do urbanismo tático nos bairros de Paiçandu contribua com a melhoria do local a partir do envolvimento dos moradores.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. **Urbanismo tático: da experiência do fazer a um urbanismo afetivo**. 2016. 177 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/27630>. Acesso em: 25 fev. 2024.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. 3.ed. **Editora Vozes**, Petrópolis, p. 100-101, 1998. Disponível em: <https://gambiarre.files.wordpress.com/2010/09/michel-de-certeau-a-invencao-do-cotidiano.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2024.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. Tradução de Anita Di Marco. 2.ed. **Perspectiva**, São Paulo, p.109 - p.118, 2013. Disponível em: https://www2.faq.edu.br/professores/solange/2021.1%20-%20URBANISMO%20LEG.%20URBANA%20EST.%20CIDADE/BIBLIOGRAFIA/4.4%20Livro_Cidade_para_pessoas_-_Jan_Gehl_text.pdf. Acesso em: 25 fev. 2024.

GOMES, J. D *et al.* Urbanismo tático e o direito à cidade. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 2, e51922047, Florianópolis, p. 12, 2019. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/388/249>. Acesso em: 29 fev. 2024.

JANE'S *Walk: A project of MakeWay*. **About us**, 2023. Disponível em: <https://janewalk.org/about-us/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

KENT, F. *A Conversation With Fred Kent, Leader in Revitalizing City Spaces*. Entrevista concedida a Samantha Michaels. **The Atlantic**, set. 2016. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/national/archive/2011/09/a-conversation-with-fred-kent-leader-in-revitalizing-city-spaces/245178>. Acesso em: 03 mar. 2024.

LOPES, D. E. **Percepção espacial como instrumento participativo de planejamento urbano**. 2008 169 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4378>. Acesso em: 22 fev. 2024.



LYDON, M; GARCIA, A. *Tactical Urbanism: Short-Term Action for Long-Term Change*. **IslandPress**, Washington, p. xii - p. 6, 2015. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Tactical-Urbanism%3A-Short-term-Action-for-Long-term-Lydon-Garcia/9403e4153eef34166522be601a66295a854400e5>. Acesso em: 25 fev. 2024.

NOGUEIRA, P. C. E; Portinari, D. B. Urbanismo tático e a cidade neoliberal. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 9 n. 2, 177-188, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2016.29397>. Acesso em: 27 fev. 2024.

SANSÃO-FONTES, A et al. *Urbanismo Tático como prueba del espacio público: el caso de las supermanzanas de Barcelona*. **Revista EURE - Revista De Estudios Urbano Regionales**, 45(136), 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4067/s0250-71612019000300209>. Acesso em 27 fev. 2024.

TAVALORI, B. Jane Jacobs: contradições e tensões | *Jane Jacobs: contradictions and tensions*. **Revista Brasileira De Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, 24 jan. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2019v21n1p13>. Acesso em: 25 fev. 2024.